

## O velho é sempre novo em “As avós” de Doris Lessing



*Haline Prado*  
*Luciana Helena Mussi (monitora)*  
*Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)*

**N**os dias atuais as pessoas tendem a seguir certo padrão de sucesso. Entendemos este padrão de corpo como o de: um sujeito magro, alto, jovem, financeiramente bem sucedido e, é claro, vestindo roupas elegantes de marcas caras. De alguma maneira, essas características são anunciadas como aquilo que garante tanto o sucesso social quanto profissional.

Sabemos que quando as pessoas não atendem às expectativas dos padrões de beleza exigidos pelo mundo midiático/publicitário de consumo, muitas vezes, se sentem mal consigo mesmas, ou são rejeitadas em empregos e outras situações, recorrendo a métodos capazes de atingir o desejado, como cirurgias plásticas, roupas sofisticadas, acessórios, entre outras.

Os padrões estabelecidos para essa aparência ideal estão relacionados ao ambiente social, ou seja, são regras que interferem diretamente na forma do indivíduo se apresentar.

Os padrões de beleza que são disponibilizados pelo sistema das mídias normalizam corpos que, em grande parte das vezes, as pessoas se sentem obrigadas a seguir, tanto para se encaixarem no grupo social quanto para se sentirem completas e felizes.

Atualmente, a concepção dominante de corpo estabelece uma relação direta entre beleza e saúde, quase misturando os dois conceitos. Hoje não há a possibilidade de estar gordo e ser, ao mesmo tempo, considerado pela sociedade como alguém saudável.

Infelizmente o público feminino é o mais atingido pela vaidade - a beleza é construída como um valor inerente ao mundo feminino. Apesar dos assuntos sobre saúde serem muito frequentes no discurso midiático, muitas vezes, mulheres expõem a própria saúde a riscos, buscando resultados rápidos, por meio de intervenções invasivas, como cirurgias, dietas não saudáveis ou até mesmo produtos estéticos que são considerados “milagrosos” e - o que mais nos interessa nesse texto – produtos com propostas que prometem ser “rejuvenescedoras”.

Na sociedade contemporânea o tema mais importante para as pessoas atingirem os padrões vigentes é, por incrível que pareça, algo que o tempo inevitavelmente tira de nós: a juventude. No texto “Ditadura da beleza”, Jorge Menezes apresenta o conceito chamado “a cirurgia da vaidade”. Ele demonstra todo o impacto psicológico e social que há por trás da cirurgia:

Vivemos hoje sob uma ditadura do corpo, se você não está dentro de um tipo determinado, será um excluído social. Pessoas querem a todo custo se adaptar aos padrões reinantes, e visando um resultado rápido recorrem a grandes cirurgias de correção e implantes, em processos que muitas vezes submetem o paciente a diversos tipos de procedimento em uma só cirurgia. A cirurgia plástica não é uma cirurgia no corpo, mas no cérebro. Modifica-se a personalidade da pessoa com o bisturi. (MENEZES, 2006, p. 2)

As rugas são consideradas imperfeições e devem ser eliminadas através das cirurgias plásticas. Há também outro modo de controlar as consideradas “imperfeições” como, por exemplo, a maquiagem que busca um rejuvenescimento facial. Assim como a cirurgia plástica, a maquiagem deixa de ser apenas um cosmético em um rosto e passa a representar um pedaço interno da personalidade das mulheres contemporâneas, gerando autoestima e confiança, mudando intensamente seu jeito de ser.

Nahoum-Grape (1991) ressalta:

Há uma máscara táctica, afivelada pelas mulheres em si próprias, de uma forma quase deliberada e trabalhada; quantas horas de maquiagem, quanto tempo de trabalho consagrado à produção desta máscara frágil, sempre provisória que o tempo destrói irremediavelmente. (p. 133)

Para acrescentar à discussão a questão da juventude como um valor requisitadíssimo de nossa época faremos algumas considerações a partir da

Pesquisa “Regimes de visibilidade em revistas”, em Revista: análise multifocal de contratos de comunicação”, procurando compreender, a partir das revistas em que predominam os assuntos da juventude, o que caracteriza e representa esse valor. José Luiz Aidar Prado, professor de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) foi coordenador e criador dessa pesquisa, que explora as questões encobertas que existem em toda a imposição feita, principalmente, nas revistas da atualidade.

A revista precursora do gênero adolescente foi “Capricho”, criada em 1952 pela Editora Abril, época em que o veículo publicava fotonovelas. A revista passou a dar espaço a temas ligados a moda, beleza e comportamento, focando em um público adolescente feminino com idade entre 15 a 22 anos. As figuras expostas tinham, geralmente, maior idade que o público alvo, com celebridades como atores de novelas e filmes dirigidos ao universo *teen*, incluindo cantores famosos, modelos etc. visando uma identificação das leitoras pelas imagens expostas.



A produção é a palavra de ordem das capas da revista “Capricho”. Cabelos, maquiagens, roupas e acessórios levam a figura da capa ao limite da artificialidade, com rostos demasiadamente maquiados incluindo o uso de recursos gráficos. Dentro de um padrão global de beleza, e mesmo assim superproduzidas, as celebridades apareciam em anúncios, reportagens, colunas e capas como modelos a seguir. Por essa razão, a “garota Capricho” demonstrava excessiva preocupação com a popularidade - ser aceita, conhecida e reconhecida pelos seus hábitos e gostos.

Sucesso era uma busca permanente das leitoras, o que ficava evidente nos discursos da revista pelo recorrente uso de celebridades como modelos de aceitação e reconhecimento. A revista mudou, com o tempo, seu enfoque apresentando guias para beijo, sexo e relacionamento, para a leitora se adequar ao modelo de sociabilidade perfeito.

Nesse sentido, se as garotas da atualidade crescem sob esse tipo de influência, o envelhecer se torna um fator que representará a perda dessa possível conquista da mulher perfeita. Deste modo, não apenas pelas adolescentes, mas pela maioria das mulheres, “o envelhecer” passa a ser evitado a todo custo.

Outras revistas como a “Women’n Health” - criada em 2005 pela Rodale, editora especializada em conteúdos de saúde - supervalorizam a qualidade de vida e o bem-estar, demonstrando fortemente a importância da relação entre beleza e saúde. Vejamos a autodescrição da revista:

Chegou a revista para você que faz da saúde e beleza um estilo de vida. Encontre em Women’n Health a orientação precisa sobre o que fazer, como fazer e por onde começar

para se sentir bem. Receba as informações valiosas - e com base científica - sobre hábitos alimentares, nutrição, fitness, beleza e comportamento. Não perca a revista feita para você viver do jeito que gosta: cada vez melhor e mais feliz consigo mesmo. (WOMEN´N HEALTH, 2008, Edição 12).

A confusão entre os conceitos de beleza e saúde vem do fato de que estes são apresentados como uma maneira da mulher se sentir realizada em diversos sentidos. A cultura pós-moderna, ao valorizar somente a juventude, transforma o envelhecimento em um símbolo de falência moral; desse modo, o idoso se torna excluído e muitas vezes se torna, inclusive, invisível por ser diferente do que a mídia mostra como padrão de beleza.

Vivemos em um mundo onde muitas pessoas valorizam o que há por fora, em detrimento do que há por dentro, onde a forma de se vestir, o peso, a idade e aparência valem mais do que o caráter, a moral e a experiência que foi adquirida ao longo da vida.

As mulheres começam cada vez mais cedo a contar as calorias ingeridas no dia, passando assim a controlá-las, além de gastarem muito dinheiro com roupas da última coleção, maquiagem, produtos de beleza, cirurgia e em cosméticos. Vivemos uma sociedade individualizada, onde os valores culturais se dão pelo narcisismo, e o indivíduo é voltado para cuidar de si mesmo, passando a ser um indivíduo avesso a diferenças.

O envelhecimento se tornou uma questão de insegurança, de baixa autoestima e “o envelhecer” se transforma em um luto do corpo e da vida jovem. O corpo e a imagem de alguém velho torna o alcance dos padrões vigentes quase impossível.

### **As avós**

Trazendo um pouco da literatura, o livro “As Avós” (2011), da escritora britânica Doris Lessing (1919 – 2013), conta a história de duas amigas muito próximas e inseparáveis: Roz e Lil.

O roteiro acompanha a vida das duas personagens desde os primeiros brinquedos, namorados, maridos, filhos e netos, retratando passagens de fases importantes para a discussão de nosso tema, descrevendo os sentimentos relacionados às transformações desses momentos.

As amigas, independentes, criam seus filhos e vivem em casas vizinhas numa praia paradisíaca e tranquila, chamada Bacia de Baxter. Doris Lessing escreve com humor sobre um escândalo: com o amadurecimento dos filhos, quando as duas já tinham atingido os 40 e poucos anos de idade, uma se envolve com o filho da outra.

A análise, a partir da leitura do livro, mostrou que mesmo vivendo experiências intensas com jovens rapazes, Roz e Lil sentem o inevitável luto da juventude:

E, de repente, ou assim parece, os pais, já não tão jovens, perdem um pouco de altura, chegam mesmo a encolher, sem dúvida lhes falta um pouco de cor e brilho. Os jovens crescem e os encantos mudam de endereço. Os olhos agora vão atrás dos filhos, não mais dos pais. (LESSING, 2011, p. 36)

Ao mesmo tempo a autora descreve o valor dessa juventude, se referindo aos meninos como jovens deuses:

Há um momento, um momento breve, por volta dos dezesseis, dezessete anos, em que eles têm uma aura poética. São como jovens deuses. Família e amigos às vezes se espantam com esses seres que parecem ter vindo de uma atmosfera mais refinada. (LESSING, 2011, p. 38)

O livro mostra que mesmo vivendo em um contexto diferente do que foi citado anteriormente, ou seja, uma praia distante de qualquer metrópole regida pelo consumo, ainda sim é inevitável o desejo de permanecer jovem.

Pensamos que, em épocas diferentes, o envelhecer pode ter representado um sofrimento, pois, para o ser humano tudo que nos traz uma perda trará angústia. Porém, o que diferencia a atitude para com a velhice entre a sociedade contemporânea e as duas personagens do livro é a maneira como as duas amigas lidaram com o envelhecer.

Mesmo em vias de perder os grandes amores de suas vidas, elas não tentaram mascarar seu envelhecimento, recorrendo a processos ou produtos superficiais que acrescentam apenas a superficialidade e sim, aceitando-o, resignificaram a velhice, lidando com a perda, os medos e, ao mesmo tempo, absorvendo novos aprendizados nessa fase.

Um dia, quando o jovem Ian viu Roz deitada sobre os travesseiros, logo depois de concluírem o ato de amor, alisando a pele envelhecida e solta do braço, ele deixou escapar um grito, agarrou-a e exclamou:

- Não, não faça isso, não faça isso, nunca pense uma coisa dessas. Eu não vou deixar você ficar velha.
- Bem, disse Roz, Isso vai acontecer, queira você ou não.
- Não, Roz, por favor, eu amo você. E ele chorou.
- E por isso eu não posso envelhecer Ian, é isso? Não tenho permissão para envelhecer? Loucura, o garoto ficou

louco disse Roz, dirigindo-se a ouvintes invisíveis, como fazemos quando a sanidade parece ter perdido o poder de escuta. (LESSING, 2011, pp.64-65)

Nesse sentido, a sociedade atual, além de vetar aprendizados importantes para o desenvolvimento de reflexões para o autoconhecimento, cria nas pessoas ilusão e alienação, desviando do inevitável encontro com a perda. As pessoas sentem intensa angústia pela vinda das rugas, dobras flácidas e cabelos brancos, e envelhecer se torna limitado aos olhos das pessoas, que enxergam apenas o “não ser mais jovem”, sugando qualquer expectativa que poderia existir para com essa nova fase: a velhice.

A juventude se vai, mas o envelhecimento, como processo natural, conduz a uma nova fase da vida. O conceito verdadeiro de beleza se dá através de um reconhecimento em si mesmo de características que não necessariamente correspondam ao modelo veiculado pelo mundo midiático.

Assim como as personagens de “As avós”, deveríamos romper com princípios superficiais ligados aos padrões impostos pela sociedade. Com certeza, Roz e Lil tem muito a nos ensinar.

## Referências

LESSING, D. *As Avós*. São Paulo: Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

MENEZES, J.A. Ditadura da beleza. *Epistemo-somática*, Belo Horizonte, 2006, vol. 3, n. 2.

NAHOUM-GRAPPE, V. (1991). A mulher bela. In G. Duby & M. Perrot (Orgs.), *História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1991, pp. 121-140.

PRADO, J. L. A. Regime de Visibilidade em Revistas. DVD - hipermídia. São Paulo, *PUC-SP/Grupo de pesquisas em Mídia Impressa*, Programa de Estudos, 2011.

VASCONCELOS, Naumi A. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal estar e subjetividade*, Fortaleza, 2004, vol. 4, n.1.

*Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.*

**Haline Prado** - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: [haline.92@gmail.com](mailto:haline.92@gmail.com)

**Luciana Helena Mussi** – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: [lucianahelena@terra.com.br](mailto:lucianahelena@terra.com.br)

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** - Supervisora de Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br)